

SOBRE O CONCEITO DE PARADIGMA NO PENSAMENTO DE EDGAR MORIN

ABOUT THE CONCEPT OF PARADIGM ON THOUGHT OF EDGAR MORIN

Djalma Ferreira Pelegrini¹

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador da área de Socioeconomia Rural, na Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais - EPAMIG.

RESUMO

Partindo da discussão sobre os diversos significados e acepções do termo paradigma, procurou-se promover uma atualização a respeito dos usos contemporâneos desta noção, a partir de seu relançamento, por obra de Thomas S. Kuhn. A despeito dos ataques dirigidos pela crítica especializada, desde o início a noção de paradigma foi bem recebida e intensamente utilizada nas comunidades acadêmicas de sociólogos, educadores, geógrafos, dentre outras. Na abordagem da complexidade de Edgar Morin, a noção de paradigma desempenha uma função essencial, apesar de utilizada com sentido ampliado e definida de forma imprecisa.

Palavras-chave: Paradigma; Complexidade; Edgar Morin

ABSTRACT

From the discussion about various meanings and senses of the word paradigm, we sought to promote an update on the contemporary uses of this concept by Thomas S. Kuhn from its relaunch. Despite the attacks of the specialized critics, the concept of paradigm has been well accepted since the beginning and it has been extensively used in academic communities of sociologists, educators, geographers, among others. On the complexity of Edgar Morin the notion of paradigm plays a key role, although it has been used with broad sense and defined through an inexact way.

Key-words: Paradigm; Complexity; Edgar Morin

1. INTRODUÇÃO

A publicação *The structure of scientific revolutions*, de 1962, por obra de Thomas S. Kuhn, deu origem a uma longa discussão que se prolonga até aos dias de hoje. À tímida reação inicial, seguiu-se intensa crítica por parte dos filósofos e historiadores da ciência, a partir de 1965, tanto à concepção relativista de desenvolvimento científico como à noção de paradigma expressa no livro. Organizaram-se simpósios, colóquios e congressos em que as noções de ciência normal, revoluções científicas, paradigma e progresso científico foram amplamente discutidas. Sob o fogo da crítica, Kuhn preparou uma reedição, publicada em 1969, com um posfácio explicativo que incorpora algumas correções, mas que, no entanto, não foi suficiente para dirimir as dúvidas suscitadas pelo texto.

Nas comunidades de estudiosos que laboram em domínios do conhecimento externos à história e à filosofia da ciência (sociólogos, educadores, geógrafos etc.), a noção de paradigma (relançada por Kuhn) foi muito bem recebida. A partir de então, adotada com significados variados reelaborada constantemente, de acordo com o sentido pretendido na argumentação, passou a ser utilizada nas mais diversas áreas do saber. De símbolo ressignificado adotado pela linguagem acadêmica, passou a título de capítulos e a capa de livros.

A rápida difusão do termo paradigma no meio acadêmico, e sua utilização como palavra de uso coloquial poucas décadas após seu relançamento, é um fenômeno que merece ser mais bem estudado. Verifica-se, a despeito da polissemia que o termo comporta de origem, que sua utilização continua crescente entre as comunidades acadêmicas, apesar das severas críticas dirigidas à sua imprecisão e inadequação de uso.

Durante as últimas décadas, inúmeros autores têm afirmado a necessidade de emergência de novos paradigmas nos mais variados campos do saber. De igual forma, frequentemente ouve-se a afirmação de que se está à procura de um novo paradigma. Neste artigo, procuramos fazer uma atualização do debate acerca da noção de paradigma, enquanto avaliamos o papel dessa noção no pensamento de Edgar Morin.

2. OS SIGNIFICADOS DO TERMO PARADIGMA EM A *ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS*

Se pretendemos compreender os significados atribuídos à palavra paradigma, é necessário, de início, procurar explicitar o sentido a ele atribuído por Kuhn (1996), porém, essa não é uma tarefa simples. A noção de paradigma desenvolvida por Kuhn recebeu muitas críticas, mormente em função das dificuldades encontradas na elucidação dos muitos significados a ela conferidos. Alguns de seus críticos mostraram-se céticos quanto à possibilidade de obtenção desse esclarecimento, principalmente porque nenhum dos sentidos lhe cabe precisamente. “Haverá alguma coisa definida ou geral acerca da noção de paradigma que Kuhn está tentando esclarecer?”, indagou Margaret Masterman (1979, p. 79).

Parte das dificuldades encontradas na elucidação dos significados desse termo deve-se, certamente, ao fato de que Kuhn buscou na gramática a noção de paradigma, tratando, de início, de ampliar seu sentido, aplicando-a em sua descrição do progresso científico. Entretanto, a transposição e a ampliação do sentido do termo não se processaram de modo eficaz. O próprio Kuhn parece ter consciência desse fato ao esclarecer que o paradigma não deve ser tomado no sentido de modelo, exatamente como lhe é atribuído na Gramática. Tendo isso em vista, Kuhn procurou esclarecer que “*in this standard application, the paradigm functions by permitting the replication of examples any one of which could in principle serve to replace it*”; contudo, observa que, “*in a science, on the other hand, a paradigm is rarely an object for replication*” (KUHN, 1996, p. 23). Portanto, não parece seguro afirmar que um paradigma possa ser entendido, segundo a concepção de Kuhn, como modelo ou padrão científico e, em seguida, tomá-lo como exemplo.

Certamente, a noção de paradigma assume, para Kuhn, certa significação no âmbito de uma fase da pesquisa por ele denominada de “ciência normal”, pois a entende como um trabalho de operação de limpeza ou resolução de quebra-cabeças, “[...] *directed to the articulation of those phenomena and theories that the paradigm already supplies*” (KUHN, 1996, p. 24). É uma fase da pesquisa caracterizada não por progressos significativos, mas por adequações norteadas pelo

paradigma. Se o paradigma fornece problemas e possibilidades de solução no quadro da ciência normal, a transição de paradigmas corresponde a uma crise, e uma revolução científica tem lugar quando ocorre uma mudança de paradigma.

Parece evidente que Kuhn não pretendeu a utilização do termo paradigma em sentido exageradamente amplo, uma vez que sua concepção de ciência normal relaciona-se a uma fase específica de determinado campo de pesquisa. Ciência normal, assim compreendida não pode ser referida, por exemplo, à ciência moderna ocidental, da revolução científica até o século XIX. Porém, é admissível referir-se a determinado período da pesquisa sobre a física óptica no século XVII. Se interpretamos *The structure of scientific revolutions* corretamente, é improvável que Kuhn tenha suposto a existência de um “paradigma da ciência moderna”, como adiante veremos.

Para tratarmos melhor dessa questão, talvez seja mais conveniente explicitar o que Kuhn não entende como paradigma. Procedendo dessa maneira, a análise nos permite compreender que a noção de paradigma não foi concebida como regra, uma vez que Kuhn deixou escrito que “*rules, I suggest, derive from paradigms, but paradigms can guide research even in the absence of rules*” (KUHN, 1996, p. 42).

Um outro ponto importante relaciona-se ao fato de que Kuhn compreendeu a noção de paradigma não apenas de modo diverso aos conceitos, às leis e teorias, mas também de forma precedente: “*Scientists, it should already be clear, never learn concepts, laws, and theories in the abstract and by themselves*”. Para ele, esses instrumentos intelectuais devem ser procurados no paradigma, ou seja, “*in a historically and pedagogically prior unit that displays them with and through their applications*” (KUHN, 1996, p.46).

A concepção de paradigma como algo anterior e diverso aos conceitos, às leis e teorias também pode ser depreendida de sua indagação (embora a tenha deixado sem resposta): “*why is the concrete scientific achievement, as a locus of professional commitment, prior to the various concepts, laws, theories, and points of view that may be abstracted from it?*” (KUHN, 1996, p.11).

Talvez seja esse um dos aspectos mais polêmicos da temática que envolve o significado de paradigma. Não poucos intérpretes entenderam que Kuhn concebeu paradigma como teoria. Foi essa a interpretação de Karl Popper, quando a utilizou. Tratou, porém, de justificar seu emprego, não no sentido de indicar uma teoria dominante “[...] como o fez Kuhn”, mas “[...]”

como um programa de pesquisa - um modo de explicação considerado tão satisfatório por alguns cientistas que eles exigem a sua aceitação geral” (POPPER, 1979, p. 67-68).

Além de Popper, Imre Lakatos também compreendeu paradigma no sentido de programa de pesquisa. Partindo da distinção que faz entre teorias e programas de pesquisa, Lakatos sugere que, no quadro do falseacionismo sofisticado, o conceito de teoria deve ser substituído pelo de série de teorias, cujos elementos “[...] costumam estar ligados por notável continuidade, que os solda em programas de pesquisa” (LAKATOS, 1979, p. 161), pois entende teorias como estruturas complexas, cuja formulação depende da definição de conceitos precisos, que adquirem sentido e ganham precisão no interior de um todo coerente. “A história da ciência tem sido, e deve ser, uma história de programas de pesquisa competitivos (ou, se quiserem, de ‘paradigmas’)” (LAKATOS, 1979, p. 191). Um programa de pesquisa é constituído por um núcleo teórico irreduzível e por um cinturão externo de teorias e hipóteses passíveis de questionamento e falsificação. Portanto, subjacente à concepção de paradigma como programa de pesquisa, há a percepção de que os paradigmas são compostos por teorias e hipóteses.

De modo contrário, Margaret Masterman (1979, p. 81), que abordou essa questão em importante artigo, afirmou categoricamente que Kuhn não teve dúvida de que seus paradigmas eram anteriores à teoria: “Mas, pelo menos, torna-se claro que, para Kuhn, algo sociologicamente descritível e, acima de tudo, concreto, já existe nas fases iniciais da ciência real, quando a teoria não existe.” Paradigma: algo que pode funcionar quando não existe teoria. Apenas um nome dado por Kuhn a um conjunto de hábitos! Talvez essas frases constituam a síntese do entendimento de Masterman (1979) acerca dessa noção.

A compreensão do significado dessa noção enfrenta outros empecilhos, pois Kuhn expressamente admite que, em seu ensaio, o termo paradigma substitui uma variedade de noções familiares. Isso, de fato, pode ser verificado, pois, no livro, o termo aparece comportando diversos significados. Ora toma o sentido de realização científica universalmente reconhecida, ora o de constelação de valores, crenças e técnicas, ou mito, um modo especial de se ver, um princípio organizador que governa a percepção e, ainda, o de uma instrumentação real. De outra forma, é também apresentado como “*an apparently permanent solution to a group of outstanding problems*” (KUHN, 1996, p. 44).

É de se supor que a pretensão de, com a redefinição de um termo, substituir diversas noções familiares, promoveu efeitos contrários ao esclarecimento. A substituição de um termo singular por outro, com sentido mais amplo, geralmente não corrobora a compreensão. Considerando-se que, aos diversos significados atribuídos por Kuhn (1996) à palavra paradigma, outros ainda foram acrescentados por seus leitores, como, por exemplo, um conjunto de crenças comunitariamente partilhadas pelos cientistas, teoria dominante, referência, programa de pesquisa, uma maneira de solucionar problemas, conjunto de hábitos, guia para elaboração de conceitos, teorias e modelos, dentre outros, compreende-se porque inúmeros discursos que desse termo fazem uso tornaram-se quase incompreensíveis.

3. A ABORDAGEM DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

O nome de Edgar Morin tem recebido grande destaque, especialmente no Brasil, entre aqueles que se propuseram a discutir a noção de complexidade do ponto de vista teórico e a adotá-la de fundamentos. Provavelmente, poucos se ocuparam desse assunto tanto quanto ele. Grande parte de sua obra é dedicada a apontar os problemas resultantes da fragmentação dos saberes, do aprofundamento do processo de especialização nos domínios disciplinares, e a advogar a aproximação da filosofia com as supostas ciências como medida necessária para a superação da separação ocorrida entre ciência e consciência.

A argumentação de Morin apoia-se, fundamentalmente, na crítica aos padrões científicos modernos, pois, a seu ver, “o conhecimento científico é um conhecimento que não se conhece mais a si próprio” (MORIN, 2000, p. 34). O estágio atual do desenvolvimento científico, na concepção de Morin (2000), pode ser caracterizado como “ciência sem consciência”, decorrente do distanciamento entre sujeito e objeto. “Cada vez mais o desenvolvimento extraordinário do conhecimento científico vai tornar menos praticável a própria possibilidade de reflexão do sujeito sobre a sua pesquisa. (MORIN, 2000, p. 28). Morin alega que o excesso de especialização dificulta o entendimento acerca dos problemas conjunturais, em razão da dificuldade de compreensão do contexto, uma vez que “vivemos numa realidade multidimensional, simultaneamente econômica,

psicológica, mitológica, sociológica, mas estudamos estas dimensões separadamente, e não umas em relação com as outras” (MORIN, 2006, p. 2).

Em diversos trechos de seus escritos, Morin reitera que a “[...] divisão do conhecimento em disciplinas, que permite o desenvolvimento dos conhecimentos, é uma organização que torna impossível o conhecimento do conhecimento”, porque o conhecimento encontra-se “[...] fragmentado em campos de conhecimento não comunicantes” (MORIN, 2002a, p. 20).

Morin sugere que, em grande medida, essas dificuldades relacionam-se à predominância da “[...] inteligência parcelar, compartimentada, mecânica, disjuntiva, reducionista [...]”, que “[...] quebra o complexo do mundo, produz fragmentos, fraciona os problemas, separa o que é ligado, unidimensionaliza o multidimensional” (MORIN, 2006, p. 14).

Os elementos do discurso de Edgar Morin, embora possam ser identificados em obras de diversos filósofos e cientistas, sob nossa compreensão, apoiam-se na abordagem da teoria geral dos sistemas, de Ludwig Bertalanffy, parcialmente na crítica de Karl Popper, Imre Lakatos e Paul Feyerabend, pois não adota destes a perspectiva analítica, e, em grande medida na teoria da ciência de Thomas S. Kuhn, que lhe transferiu as noções de paradigma e revolução científica. Evidentemente, inúmeras outras influências podem ser identificadas na composição de seus textos. Em muitas passagens de seus livros, por exemplo, refere-se à noção de autoorganização, emergência e incerteza, em clara alusão aos trabalhos conduzidos por Ilya Prigogine e outros físicos. “A complexidade reconhece a parcela inevitável de desordem e de eventualidade em todas as coisas, ela reconhece a parcela inevitável de incerteza no conhecimento” (MORIN, 2002b, p. 564). Essas alusões, contudo, prestam-se mais como exemplo de adaptações, pois Morin, frequentemente, interpreta e reconstitui a terminologia que incorpora a seu discurso.

A natureza da argumentação adotada por Morin expõe as dificuldades por ele encontradas no provimento de uma fundamentação metodológica para a compreensão da complexidade do mundo. Com frequência, Morin utiliza o termo método de maneira genérica, de forma proposital ou inconsciente. Essa ausência de critérios, que também pode ser observada relativamente a outras noções, dificulta ao leitor interessado a penetração no universo de suas ideias, ao mesmo tempo em que reduz a capacidade analítica e explicativa de seus discursos. Sua concepção de

método refere-se a uma certa maneira de abordar as questões. Tal método, em sua concepção, tem a missão de convidar a pensar a complexidade.

Parece claro que a elucidação do sentido atribuído por Edgar Morin à noção de paradigma é uma etapa fundamental na tarefa de compreender a abordagem da complexidade por ele desenvolvida. Apesar disso, não logramos êxito na identificação de esforços com vistas à definição e caracterização do termo complexidade por parte desse autor. Morin reconhece a existência de certa dose de imprecisão nesse termo, quando escreve que essa “é uma noção a ser explorada, a ser definida. A complexidade nos aparece, à primeira vista e de modo efetivo, como irracionalidade, incerteza, confusão, desordem” (MORIN, 2000c, p. 47). Mesmo demonstrando ter consciência da predominância dessa aceção, não empenha argumentos para dirimir a ideia de que a complexidade diz respeito à desordem, à complicação, à contradição, à dificuldade lógica etc., nem concede a ela significado específico. Parece evidente que Morin pretende adicionar ainda outros sentidos à noção de complexidade, ampliando-a, em vez de delimitá-la. Para ele, a contradição, a desordem, a complicação, a dificuldade lógica, os problemas de organização etc., “[...] formam o tecido da complexidade: *complexus* é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade da complexidade” (MORIN, 2002c, p. 188). No mesmo texto, de forma similar, oferece indicações de que sua noção de complexidade não elide a contradição, quando a concebe como “[...] junção de conceitos que lutam entre si” (MORIN, 2002c, p. 192).

A noção de complexidade é utilizada por Morin para traduzir o sentido de universo do conhecimento multidimensional, de maneira a abranger os fenômenos físicos, biológicos, sociais, culturais, econômicos, políticos etc., cuja ambição é “[...] prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento (MORIN, 2002, p. 176). A complexidade é algo que Morin ainda está a procura. “[...] A complexidade é desafio e não solução” (MORIN, 2000c, p.134).

A falta de clareza com que a noção de complexidade é apresentada encontra explicação na avaliação de Suteanu (2005, p. 125), quando afirma que “a teoria da complexidade é profundamente metafórica”. De seu ponto de vista, “[...] alguns problemas são simplesmente complicados demais para oferecer soluções lógicas e racionais. Admitem percepções, não

respostas”. Nesse quadro, as metáforas desempenham uma função importante no processo de entendimento, apesar do risco de surgirem mal-entendidos.

Consideramos que, não apenas o ideário de Edgar Morin, como também as demais abordagens da complexidade, longe de significar em um alinhamento às concepções neoliberais e neoconservadoras, representam uma possibilidade de reflexão sobre os assuntos mais afeitos às ciências sociais. Contudo, verificamos que seu trabalho não se caracteriza pelo esforço explicativo. A compreensão dos significados dos termos por ele utilizados constitui notável empecilho ao entendimento de sua obra, como também de sua noção de complexidade. Por força de sua argumentação não sistemática, frequentemente faz uso de conceitos e noções adaptados ou tomados de empréstimo a outros autores, sem, contudo, lhes atribuir uma significação precisa. Isso pode ser dito a respeito das noções de paradigma, de paradigmatologia, de epistemologia e da própria noção de complexidade. Suspeitamos que o desinteresse de Morin pela precisão dos termos que utiliza decorre de uma postura deliberada, resultante da rejeição ao princípio cartesiano de que a clareza e a distinção das ideias são indicativas da verdade. Sobre esse ponto, Morin é explícito quando confronta a afirmação de “[...] não poder haver uma verdade impossível de ser expressa de modo claro e nítido. Hoje em dia, vemos que as verdades aparecem nas ambigüidades e numa aparente confusão” (MORIN, 2002c, p. 183). O uso de noções confusas e a tolerância para com a ambigüidade sugerem que Morin, para além de uma postura displicente, adota um padrão lógico que se contrapõe aos padrões racionalistas.

4. A NOÇÃO DE PARADIGMA NO PENSAMENTO DE EDGAR MORIN

A noção de paradigma tem, na obra de Edgar Morin, no que compete à abordagem da complexidade, uma importância fundamental, constituindo campo de estudos à parte, por ele denominado de “paradigmatologia”. Ao primeiro contato com os textos escritos por Morin, somos lançados à captura de características e peculiaridades distintivas dos padrões de “ciência” praticados no ocidente. A argumentação de Morin (1992, 1996, 2000a) contrapõe o “paradigma

hegemônico” - desde Descartes e os empiristas, relacionado com o “paradigma de disjunção, da simplificação e da redução” que rege a ciência ocidental ao suposto “paradigma emergente”, em sintonia com o pensamento complexo.

Em seus escritos, Morin faz uso frequente da noção de paradigma, como também da expressão “mudança de paradigma”, tomadas de empréstimo a Kuhn. Adotou tais expressões, contudo, não de forma completa. Conservou-as parcialmente e as redefiniu a seu modo. Porém, não é o caso de se ver em Morin um seguidor de Kuhn, pois sobre ele pesaram muitas outras influências.

Segundo a interpretação de Morin (1992), vivemos uma época em que “[...] temos um velho paradigma, um velho princípio que nos obriga a disjuntar, a simplificar, a reduzir, a formalizar sem poder comunicar aquilo que está disjunto e sem poder conceber os conjuntos ou a complexidade do real” (MORIN, 2000, p. 40).

Em acordo com a proposição de Kuhn (1996), segundo a qual as crises precedem as revoluções científicas, Morin identifica, na atualidade, um estado de crise traduzido pela inadequação do velho paradigma, mas que ainda está em vigor e que oportunizará, a seu ver, uma transformação de caráter amplo. “Mas estamos chegando certamente à era em que o grande paradigma sofre erosão e desgaste, e em que os processos que ele determinou no universo científico-técnico-burocrático provocam demasiadas manipulações, securas, ameaças” (MORIN, 1992, p. 197).

De fato, muitos dos textos de Morin repetem o clamor por um certo paradigma da complexidade, cuja ação, a seu ver, será responsável por uma nova compreensão do mundo. “É preciso um paradigma de complexidade, que, ao mesmo tempo, separe e associe, que conceba os níveis de emergência da realidade sem os reduzir às unidades elementares e às leis gerais” (MORIN, 2002c, p. 138).

O surgimento do novo paradigma identifica-se, de acordo com Morin, à reforma do pensamento e à necessária predominância do pensamento complexo (em oposição ao pensamento simplificador e reducionista em vigor) que permite acercar-se da incerteza e conceber a organização, de sorte que suas proposições direcionam-se para uma transformação em diversos campos, a começar da educação.

O que temos em vista é que a formulação original sobre a noção de paradigma apresentada com sentido variável em *The structure of scientific revolutions*, por Thomas S. Kuhn, não corresponde ao sentido adotado, para o mesmo termo, por Edgar Morin em sua série sobre o método, como também em outras de suas obras. Menos correspondência ainda existe entre o que Edgar Morin entende por paradigma e a versão revista e atualizada por Kuhn – apresentada em *O caminho desde a estrutura*, depois de receber muitas críticas. Se Kuhn equivoca-se quando redige *The structure of scientific revolutions*, tratando da noção de paradigma, Morin multiplica tais equívocos, ao edificar sobre eles sua abordagem acerca da complexidade.

Dentre as muitas críticas dirigidas à noção de paradigma expressa em *The structure of scientific revolutions*, podemos dizer que algumas delas lhe foram dirigidas por Morin, ainda que em tom elogioso. “Foi Kuhn quem resgatou a importância crucial dos paradigmas, ainda que ele tenha mal definido essa noção” (MORIN, 2000c, p. 67). Além disso, criticou em Kuhn a falta de clareza e a oscilação com que apresentou os diversos sentidos do termo.

As críticas que incidem sobre a insuficiência e a imprecisão da noção kuhniana de paradigma revelam, não só uma insuficiência no pensamento de Kuhn, mas também a dificuldade de pensar a noção de paradigma, que se obscurece e depois se desvanece logo que aprofundamos o seu caráter primeiro, fundador, nuclear. É uma noção que não sabemos, nem isolar verdadeiramente, nem conectar verdadeiramente com a linguagem, a lógica, o espírito humano, a cultura...” (MORIN, 1992, p. 187).

Apesar dessa compreensão, Morin não deixa de adotar a noção de paradigma, embora reconhecendo sua obscuridade. Adota-a e a redefine, mas o faz de forma precária, confusa e assumidamente ambígua, como pode ser percebido em seus textos.

Conservo a noção de paradigma, não só apesar da sua obscuridade, mas por causa da sua obscuridade, porque ela visa qualquer coisa de muito radical, profundamente imersa no inconsciente individual e colectivo, cuja emergência muito recente e parcial no pensamento consciente ainda está envolta em brumas. Conservo-a igualmente, não só a despeito da sua ambigüidade, mas também por causa da sua ambigüidade [...] (MORIN, 1992, p.187).

Edgar Morin amplia o sentido do termo paradigma ao transpô-lo para seu campo de estudos. Diferentemente de Kuhn, utiliza-o não no âmbito de uma ciência normal, mas de forma ampliada, referindo-se ao “grande paradigma ocidental” e à tradição da ciência moderna. A argumentação apresentada por Morin para justificar a adoção da noção de paradigma, no mínimo, revela sua despreocupação com a explicitação do sentido dos termos por ele adotados. As

posições de Morin, a esse respeito, não esclarecem se a falta de rigor é proposital, ou, por outro lado, se revela uma carência de seu pensamento ou, ainda, se é indicativa de sua aversão às regras de coerência. Como se pode explicar o que se deseja, utilizando-se de uma terminologia ambígua, em que uma noção central ora toma um significado, ora outro?

Morin utiliza uma grande diversidade de expressões quando procura conferir significado à noção de paradigma. Partindo da compreensão de que, em seu uso vulgar, a palavra paradigma designa “[...] quer o princípio, o modelo ou a regra geral, quer o conjunto das representações, crenças, idéias que se ilustram de maneira exemplar ou que ilustram casos exemplares” (MORIN, 1992, p. 186), busca imprimir-lhe mais expressividade, ajustando-a de modo a ocupar lugar central no corpo de suas ideias. No livro *A inteligência da complexidade*, aparece escrito que “[...] os paradigmas são os princípios dos princípios, algumas noções mestras que controlam os espíritos, que comandam as teorias, sem que estejamos conscientes de nós mesmos” (MORIN, 2000b, p. 40-41). Em *O método IV*, afirma que o paradigma está situado no núcleo das teorias e que controla a própria lógica. “Os sistemas de idéias são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas” (MORIN, 1992, p. 188). Nesse mesmo texto, informa que, para todos os discursos que se efetuam sob seu domínio, o paradigma contém “[...] os conceitos fundamentais ou as categorias mestras da inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração / repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos ou categorias” (MORIN, 1992, p. 188).

O poder conferido por Morin ao suposto paradigma é grande o suficiente a ponto de fazê-lo agir como organizador do sistema de ideias, condição em que “[...] os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo os paradigmas inscritos culturalmente neles” (MORIN, 1992, p. 188).

Morin pretende que a noção de paradigma não se resuma a um símbolo, ou a apenas um artifício lingüístico. Para ele, o paradigma deixa de ser construção verbal para tomar existência real e por pouco não ganha concretude. Segundo Morin, existe o mundo do paradigma: “o paradigma que produz uma cultura é ao mesmo tempo o paradigma que reproduz essa cultura” (MORIN, 2000c, p. 67). Entretanto o autor não esclarece por que vias ele assim o concebe. A maneira pela qual, em sua visão, um grande paradigma pode controlar a epistemologia “que

controla a teoria”, a “prática que decorre da teoria” (MORIN, 1992, p. 187), também o conhecimento (MORIN, 1996, p. 20) não é especificada.

O paradigma concebido por Morin, capaz de controlar o campo cognitivo, intelectual e cultural de onde emergem os raciocínios e as teorias, diz respeito ao “grande paradigma ocidental”, por ele assim denominado, que opera a disjunção, a fragmentação e a redução. Esse grande paradigma que, em sua visão, rege a ciência, “[...] é qualquer coisa que não somente controla as teorias, mas, ao mesmo tempo, comanda a organização tecnoburocrática da sociedade” (MORIN, 2000c, p. 67).

Desse modo, portanto, parece evidente que Morin não entende paradigma como uma simples noção ou como uma categoria de análise, mas como algo cuja posição lhe permite controlar, reger, comandar, produzir, determinar, ainda que todas essas atribuições tenham sido forjadas pelo vigor da expressão. Evidentemente, trata-se de um exagero. O uso banalizado do termo paradigma, disposto no centro da teoria de Morin, evidenciou-se como excesso, antes que tenha conferido sucesso às suas alegações. Morin fez recair sobre um único pilar - o paradigma - todo o peso de sua argumentação, e utilizou-o como panaceia para catalisar a cicatrização de todas as imperfeições de sua teoria.

5. PARA UMA ATUALIZAÇÃO DO DEBATE SOBRE A NOÇÃO DE PARADIGMA

Após o relançamento do termo paradigma efetuado por Kuhn, em 1962, seguiram-se algumas décadas em que seu uso foi ampliado de forma imprecisa, e empregado sob diversas acepções, o que o converteu em jargão acadêmico, de sorte que, em lugar de instrumento útil ao esclarecimento, tornou-se raiz de incompreensão.

O consenso ainda não emergiu do interminável debate acerca do significado do termo paradigma nas diversas áreas do saber. Enquanto muitos afirmam a necessidade de superação dos paradigmas em vigor, e aguardam o surgimento de novos, a discussão a respeito da natureza do paradigma tem sido escamoteada. Para nós, parece evidente que aqueles que aguardam o

surgimento de um novo paradigma esperam por algo que não sabem exatamente o que é, ou que poderá vir a ser.

A alusão a um suposto “paradigma emergente”, de um lado, parece pretensiosa, tendo em vista que, para muitos, o sentido mais apropriado do termo paradigma corresponde à referência: como é possível algo que ainda não existe (o paradigma emergente) ser tomado como referência? Por outro, seu vago significado, à primeira vista, não pode ser desmascarado, pois está oculto em uma palavra que detém sentido ambíguo e que, por isso, confunde os intérpretes.

Qualquer investigação acurada acerca da natureza do paradigma esbarra na seguinte questão: a noção de paradigma é capaz de especificar alguma coisa? O problema diz respeito à própria ideia de paradigma, pois que sua utilização remete a algo que detém uma existência real, ainda que abstrata, mas que, contudo, não pode ser alcançada. Trata-se, portanto, de um construto mental, de uma elaboração puramente artificial.

A teoria dos signos oferece alguns subsídios para o aprofundamento nesse assunto. Se tomarmos paradigma como um signo (no caso, um símbolo), sabendo-se que todo signo representa outra coisa, ou seja, representa o referente, resulta daí que, nessa operação, em princípio, a noção de paradigma deveria referir-se a uma imagem mental, a um conceito ou a um significado na mente do receptor (COELHO NETO, 2001). Aqui, aponta-se o problema de que essa noção, na forma em que tem sido utilizada, não somente é incapaz de remeter a um fundamento concreto nas coisas, mas também não encontra lugar de uso no abstrato de forma precisa. No caso, o que temos é um signo desprovido de referente, que deixa o interpretante “em aberto”, ou destituído de significação. Em razão disso, não encontramos recursos capazes de impedir que o paradigma seja tomado como um signo impreciso.

Cabe indagar, portanto, em que medida a noção de paradigma pode ser útil como instrumento favorável à compreensão. Em entrevista concedida alguns meses antes de sua morte, Thomas Kuhn, referindo-se ao debate realizado em 1965, expressou sua anuência à análise de Margaret Masterman quando afirmou: “e aquilo de que particularmente me recordo ter ela dito, embora não consiga articulá-lo inteiramente, é muito pertinente ao assunto: um paradigma é aquilo que se usa quando a teoria está ausente” (KUHN, 2006, p. 361).

Se, por um lado, a noção de paradigma apresentada em *The structure of scientific revolutions* revelou-se incompreensível, por outro, sua versão depurada e apresentada em *O caminho desde A Estrutura* ainda é pouco conhecida. “Paradigma era uma palavra perfeitamente boa, até que eu a estraguei” (KUHN, 2006, p. 359). Tomado como uma retratação ou não, o depoimento de Kuhn é poderosamente instrutivo. Isso se torna mais evidente quando acrescenta que, hoje, raramente faz uso da noção de paradigma.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, parece claro que a noção de paradigma, sugerida inicialmente por Kuhn como auxiliar à descrição do progresso do conhecimento em alguns dos campos de pesquisa que tratam da natureza, veio a tornar-se, em Morin, determinante do surgimento das ideias, das teorias e do próprio funcionamento da sociedade. De noção proposta em substituição a diversas expressões familiares à controladora das teorias, dos sistemas de ideias e do pensamento, o salto foi grande. Em lugar de vetor de ilustração, a noção de paradigma revelou-se um empecilho ao esclarecimento.

Verificamos que a decisão de fundamentar a abordagem da complexidade sobre uma noção-chave - paradigma -, além de não exitosa, contribuiu para aumentar sobremaneira a celeuma tanto a respeito da noção de complexidade como da noção de paradigma.

Entendemos, também, que os esforços dos que procuraram definir a noção de paradigma têm se mostrado infrutíferos. O que torna o uso do termo paradigma impraticável é justamente seu componente de imprecisão. Paradigma tornou-se uma palavra de múltiplos usos, porém de significado vago. Apesar da vulgarização de seu emprego, sob diversas acepções, quando rigorosamente avaliada, mostra-se desprovida de sentido. Portanto, não é o caso de se afirmar que a noção de paradigma tem sentido inextricável, mas, sim, de que seu sentido não está definido fora de seu emprego original, na gramática.

REFERÊNCIAS

COELHO NETTO, J. T. **Semiótica, informação e comunicação**: diagrama da teoria do signo. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. 3. Ed. Chicago (EUA): The University of Chicago Press, [1962] 1996.

KUHN, T. S. **O caminho desde A Estrutura**: ensaios filosóficos, 1970-1993, com uma entrevista autobiográfica. Tradução de César Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

LAKATOS, I. O falseamento e a metodologia dos programas de pesquisa científica. In: LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 109-243.

MASTERMAN, M. A natureza do paradigma. In: LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 72-108.

MORIN, E. **O método IV. As idéias**: a sua natureza, vida, habitat e organização. Portugal: Publicações Europa-América, 1992.

MORIN, E. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento 1. 2. ed. Mira-Sintra (Portugal): Publicações Europa-América, 1996.

MORIN, E. & LE MOIGNE, J-L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. Coleção Nova Consciência. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000a.

MORIN, E. Ciência e consciência da complexidade. In: MORIN, E. & LE MOIGNE, J-L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. Coleção Nova Consciência. São Paulo: Peirópolis, 2000b.

MORIN, E. A epistemologia da complexidade. In: MORIN, E. & LE MOIGNE, J-L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. Coleção Nova Consciência. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2000c.

MORIN, E. Problemas de uma epistemologia complexa. In: MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. 3. ed. Mem Martins (Portugal): Publicações Europa-América, 2002a.

MORIN, E. Os desafios da complexidade. In: MORIN, E. (Org). **A religião dos saberes: o desafio do século XXI**. Tradução de Flávia Nascimento. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002c.

POPPER, K. A ciência normal e seus perigos. In: LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento**. Tradução de Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1979. p. 63-71.

SUTEANU, C. Complexity, science and the public: the geography of a new interpretation. **Theory, Culture & Society**, vol. 22, n. 05, Nottingham. October 2005. p. 113-140.